

REDEIRAS DO LIMPO GRANDE: ESTUDO SOBRE A ATIVIDADE DA TECELAGEM NO POVOADO DE LIMPO GRANDE-MT¹

Maria Lúcia Coradini Da Campo

RESUMO

Este estudo aborda a atividade da tecelagem no povoado de Limpo Grande, município de Várzea Grande-MT. Trata-se da maior concentração de artesãs que se dedicam à produção das famosas “redes cuiabanas”, um dos ícones da cultura mato-grossense. Assim, após a apresentação do povoado e do histórico da tecelagem no estado de Mato Grosso, foi dada especial atenção sobre o “fazer” das tecelãs, e as questões inerentes a esse “fazer” como suas estratégias para colocar as redes no mercado, suas angústias, seus sonhos. Foi adotada a metodologia qualitativa, e procedimentos como levantamento bibliográfico, entrevistas, registro fotográfico, muita observação e escuta. Além da beleza e da importância econômica da atividade para os moradores da comunidade, constatou-se a falta de organização das tecelãs e o fato de que muitas delas estão trocando a tecelagem pela segurança do emprego assalariado. Com isto, a tendência é a redução dessa atividade importante para a identidade cultural do município de Várzea Grande e também do estado de Mato Grosso, uma vez que o alto custo da produção artesanal dos produtos, a falta de organização das tecelãs e a busca de segurança no trabalho assalariado são ameaças à essa atividade.

Palavras-chave: Limpo Grande-MT. Tecelagem. Rede cuiabana. Rede lavrada.

ABSTRACT

This study approaches the activity of the weaving in the Clean town of Great, Fertile valley city Great-MT. One is about the biggest concentration of artisans that are dedicated to the production of the famous “cuiabanas nets”, one of the icons of the culture mato-grossense’s culture. Thus, after the presentation of the town and the description of the weaving in the state of Mato Grosso, was given special attention on “making” of weavers, and the inherent questions to this “to make” as its strategies to place the nets in the market, its anxieties, its dreams. For this it was adopted qualitative methodology and procedures as bibliographical survey, interviews, photographic register, much comment and listening. Beyond the beauty and the economic importance of the activity for the inhabitants of the community, it was evidenced lack of organization of artisans and the fact of that many tweavers are changing the weaving for the security of the wage-earning job. With this, the trend is the reduction of this important activity for the cultural identity of the fertile valley city great e also of the state of Mato Grosso and concludes that the high cost of the artisan production of the products, the lack of organization of weavers and the search of security in the wage-earning work, are the main threats to the activity of the weaving in the town.

Keywords: Clean Great-MT. Waving. Cuiabana net. Cultivated net.

¹ Artigo elaborado a partir da dissertação de mestrado “A Paisagem Simbólica de Bom Sucesso e Limpo Grande em Várzea Grande/MT”. Curso de Pós-Graduação-mestrado em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT_Cuiabá, MT, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Sônia Regina Romancini.

Introdução

Limpo Grande é um povoado que pertence ao distrito de Capão Grande, município de Várzea Grande-MT. Atualmente, é lá que se concentra o maior número de tecelãs “redeiras”, do estado de Mato Grosso. Em seus grandes teares verticais elas produzem as redes lavradas, bordadas, também conhecidas como “redes cuiabanas”.

Essa atividade é importante para a identidade cultural do município de Várzea Grande e do estado de Mato Grosso, pois trata-se de um dos referenciais da cultura local, sendo também uma importante atividade econômica para as pessoas que residem no povoado.

O presente estudo tem como objetivo investigar a atividade da tecelagem no povoado de Limpo Grande. Assim, inicialmente é feita a apresentação do povoado e são abordadas questões referentes ao histórico da tecelagem em Mato Grosso, para, a seguir, entrar em contato com o mundo das famosas redeiras do Limpo Grande que, com seu trabalho e criatividade, espalham cor e alegria.

Para obter as informações dessa realidade, adotou-se o método qualitativo, o qual segundo Paulilo (1999), trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e objetiva aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. Assim, a abordagem qualitativa é adequada para a compreensão de fenômenos caracterizados por alto grau de complexidade.

Foram aplicadas técnicas como: levantamento bibliográfico, pesquisa de campo, observação do ambiente, registro fotográfico e, através de entrevistas, foi dada liberdade para as redeiras discorrerem tanto sobre questões objetivas quanto subjetivas, relacionadas com sua atividade. Assim, além das questões próprias inerentes à atividade, procurou-se também saber quem são essas tecelãs, como trabalham, quais são suas queixas, suas angústias, suas alegrias, seus sonhos. Foram realizadas 17 entrevistas com 16 mulheres, de idades entre 18 e 60 anos, e 01 homem, com idade de 54 anos. Para registrar os resultados do estudo, optou-se pela narrativa e pela redação a mais próxima possível do registro local. Optou-se também por nomear as pessoas que concederam autorização por escrito, por entender que não havia implicação de nenhuma ordem, e também por considerar importante valorizar estes sujeitos sociais que normalmente são deixados no anonimato. Consideramos importante recuperar a fala, a emoção, a indignação, os sonhos e as esperanças desses sujeitos.

Limpo Grande e a tecelagem

Famosa pelo grande número de pessoas que se dedicam à tecelagem, Limpo Grande é um povoado que pertence ao distrito de Capão Grande. Das pessoas que lá residem, quase todas nasceram na própria comunidade e, em sua maioria, possuem laços de consangüinidade, o que é tido pelos moradores como um ponto favorável, como diz a redeira Joilce Clemente da Silva, 38, que lá reside com o marido e dois filhos:

Nasce e morre aqui mesmo. Aqui é bom porque aqui quase só mora gente daqui. Um lugar tranqüilo, porque até agora, graças a Deus, não tem roubo, essas coisa, não tem, é tranqüilo, acho que isso a tranqüilidade, né? Isso que eu gosto. Se chega pessoal de fora, já tá todo mundo de olho, assim que são (23/08/05).

Ou, então como diz a Judite, 48:

Nunca teve uma morte, faz dez anos que teve a última morte, tem dez anos. De tanto reza, né? Nós somos católico, reza, e graças a Deus é só parente, né? Tem alguma família estranho (Judite Pereira da Silva, 26/08/05).



Figura nº 01- Povoado de Limpo Grande, no primeiro plano a Igreja de São Pedro – Foto: Maria Lúcia Coradini Da Campo - 2005

Lá estão estabelecidos pequenos proprietários de terra. Os homens se dedicam à criação de animais e ao cultivo de hortifrutigranjeiros, com destaque para o maxixe. Com o auxílio da EMPAER-MT, formaram a Associação dos Produtores de Limpo Grande, que, segundo seu Ângelo Ferreira de Oliveira, 54, tinha mais de 100 produtores. “Faço parte da associação. Agora tá meio parado. Tinha cento e poucos associado” (04/03/06). Assim ele complementa:

Tem associação, mas nós trabalha mais, dize, compra semente cada um individual, deveria se mais pela associação né, não sei porque, tá meio bagunçado a associação. Foi fundado através da EMPAER, inclusive eu sô um dos que fundo a associação. A EMPAER tá mais parado agora. A EMPAER fez um acompanhamento durante um tempo” (04/03/06).

Sua esposa, a tecelã Elza, compara a Associação dos Produtores com a Cooperativa das Redeiras de Limpo Grande: “A associação é igual à cooperativa das rede, aqui, tem sempre gente procurando a cooperativa que tem aqui no Limpo Grande. Só tem o nome da cooperativa, porque foi registrado tudinho, por falta de união que não formô” (04/03/06).

Devido à instalação, nas áreas próximas ao povoado, de pequenas agroindústrias, como as de ração, laticínio, farinheira e viveiros aumentou a oferta de emprego, principalmente para os jovens:

Agora já tem bastante, a juventude que é funcionário. Aumentô firma, antigamente todos trabalhavam, desde os rapaz, tudo mexia com agricultura, hoje em dia, tem bastante que é funcionário. Aqui tem o vivero, ali no Aguaçu, tem um guri meu que trabalha pra lá. O Dog Boi faz ração essas coisa, minha filha trabalha nesse Dog Boi. No laticínio tem umas quatro cinco pessoa que trabalha. Tem bastante rapaziada que trabalha no vivero do bairro Vinte e Quatro de Dezembro. Melhero aqui (Ângelo Ferreira de Oliveira, 04/03/06).

Outro exemplo é o da a família da senhora Joice Clemente da Silva, que também pratica diferentes atividades, mas que dá a devida importância à tecelagem. É ela que ajuda no período da seca, quando a atividade agrícola se reduz na comunidade:

Meu marido planta, mas só nas água, agora na seca... aqui era da minha mãe, ela morreu fico pros filhos, cada um fez casa. Planta maxixe, abóbora, vende pros pessoal daqui que trabalha na fera em Várzea Grande. Aqui tem bastante pessoal que trabalha lá. Aqui tenho só um porquinho, galinha não tem nenhuma, as vez quando planta as galinha acaba com tudo. Agora esse mês, meu filho que tem vinte anos, começô a trabalha no laticínio, aqui mesmo. Cada um entra com um bocadinho, mas agora na seca mais é a rede, não acha serviço pra trabalha pros outro. Na época das água tudo mundo planta, é serviço de roça mas tem, na época das água é muito melhor (23/08/05).

A família da redeira Evanildes Maria Pereira, 57, acompanha o mesmo modo de vida, incluindo a tecelagem. A filha e parceira na tecelagem, Enedina Maria Pereira, dá mais detalhes das estratégias das pessoas para obter uma renda que atenda suas necessidades:

Quatro filhas, a mais caçula faz caminho listado, lavrado ainda não fez, tá com dezesseis anos, já teceu, já vendeu, faz mais varanda. A outra tá trabalhando, agora tá empregado, mas ela sabe tecê, tá empregado no Dog Boi, daqui do Limpo tem umas nove pessoa trabalhando lá. Na farinheira só tem um que tá trabalhando, que o dono não é daqui, ele já vem com os empregado, acho que de Várzea Grande e de Poconé. Meu irmão trabalha na farinheira, só ele e uma menina daqui que trabalha. Tem um irmão que trabalha no frigorífico, lá no Souza Lima, tem três irmão que trabalha na roça e um que trabalha no vivero, lá no Vinte e Quatro de Dezembro. Daqui tem bastante gente que trabalha no vivero. Melhorô bem com esse vivero do Aguaçu, o que tinha era pequeno, ai aumentô e chamô bastante gente que dexô de fazê rede pra trabalhá no vivero no Aguaçu, porque lá o dinheiro é garantido né, chegô o final do mês ele tem, e a rede não é certeza que recebe esse dinheiro, e como é fazê rede não tem como ir numa loja tira alguma compra (31/08/05).

Essas outras opções de trabalho estão fazendo com que algumas redeiras deixem o ofício para trabalhar como assalariadas, pois, como a própria Enedina relatou, um dos motivos seria a segurança de um salário certo no final do mês, contra a incerteza na venda das redes. Talvez representem o motivo pelo qual estaria diminuindo o universo das tecelãs:

Parece que agora já não tem mais muito, bastante tá trabalhando. Tem o vivero no Aguaçu, vão de bicicleta no Vinte e Quatro e tem a firma aqui na entrada que vai pro Aguaçu, no Dog Boi, vão de bicicleta também. A farinheira é dos pessoal de fora, aí é ruim que ganha por semana, é bom se fosse de carterá assinada. No laticínio de iogurte emprega só três pessoas, é que tem a mulher do dono e os filho, é que é pequeno. O pessoal trabalha na fera, o pessoal daqui é acostumado trabalhá na fera (Jurcimeire Clemente da Silva, 26/08/05).

Enedina também parece atraída pela idéia do emprego:

Tivesse emprego largaria da rede. A rede só tem uma bondade, que você faz em casa, né, querê faze você faz, ora que você qué larga, larga né. Esse que é a bondade (Enedina Maria Pereira, 31/08/05).

Para alguns, a melhor opção nem sempre é trabalhar como assalariado. Como é o caso da tecelã Judite Pereira da Silva, que possui cinco filhas e um filho. Uma de suas filhas é casada, outra estuda na cidade de Várzea Grande e mora com parentes, e três tecem em casa com ela:

As minhas filha tudo tem segundo grau, mas não tem conhecimento com ninguém, como que vai arrumá um serviço, né? E quando sai esses negócio de fazê concurso, tem vez que sai é tanto, tem vez que na hora não tem dinheiro, aí não faz, aí fica que não tem conhecimento, tem que trabalhá! E eu falo, tempo que vai sai daqui pra fazê comida pros outro pra trabalha de doméstica, prá ganhá salário? Trabalha na sua casa, não precisa trabalhá na casa de ninguém. Você ta trabalhando quando qué. Tem patroa que é boa, tem vez que é enrosco, é melhor trabalhá na sua casa (24/08/05).

A dinâmica que se instala no povoado de Limpo Grande, com ofertas de emprego, está fazendo com que muitas mulheres abandonem a atividade da tecelagem para trabalhar como empregadas domésticas, e isso tem como conseqüência a diminuição do número de mulheres, principalmente das mais jovens, que se dediquem à tecelagem.

A tecelagem em Mato Grosso

UFMT - Biblioteca Central
HEMEROTECA

Segundo Lima (1975), o artesanato no estado de Mato Grosso é resultado da união de várias culturas, ameríndias e européias, com destaque para a ibérica. Grande parte desse artesanato é formada pelos instrumentos de trabalho das populações rurais, aliados aos utensílios domésticos de uso diário e pelos instrumentos musicais. Porém, das manifestações artesanais, a que se tornou mais representativa, tanto pela tradição como pela beleza, é a tecelagem – que tem sua maior expressão nas “redes cuiabanas”. Para essa autora, “a origem dessa arte é sobejamente conhecida: é um elemento da cultura material de várias tribos da América do Sul”.

Os índios Guanás ou Guanazes, Monteiro [19-], foram chamados de índios Guanús pelos bandeirantes e moradores das barrancas do rio Cuiabá. Era uma tribo brasileira (extinta), que se compunha de quatro grupos principais. Em número de cinco a seis mil indivíduos, então reunidos nas aldeias, mais ou menos numerosas, unidas e localizadas perto de Albuquerque, na margem direita do rio Cuiabá.

Estes índios ocupavam áreas hoje pertencentes a Várzea Grande, Nossa Senhora do Livramento e proximidades de Santo Antônio de Leverger e em regiões ribeirinhas pouco distantes da capital mato-grossense.

Nos séculos XVIII e XIX, forneceram carne a Cuiabá, criando gado numa região meio pantanosa de Praia Grande e do Sul do município de Nossa Senhora do Livramento. Porque sabiam fiar, tecer e tingir algodão, também passaram a fornecer redes, embora grosseiras.

Para Monteiro [19-], eles foram os precursores da indústria manual em Várzea Grande; tanto de redes como de cerâmica rude. Entretanto, pouco tempo viveram depois das descobertas da região cuiabana. A abertura da estrada boiadeira e, depois, com a fundação do povoado, fizeram com que os Guanás se deslocassem rio abaixo, para o pantanal. Lá, com a implantação das usinas açucareiras e fazendas de gado, essa tribo foi se diluindo até desaparecer por completo.

As informações sobre os Guanás, hoje, são poucas. O *Album Graphico do Estado de Matto Grosso* (1914) traz informações a respeito deles, dentre elas sua afinidade com o ofício da tecelagem, como se pode verificar no fragmento seguinte:

Fião tecem e tingem o algodão e a lã, do que fazem optimas redes, *pannos*, cintas e suspensórios; e quase todos entendem e fallão nosso idioma e estão em estado de se curar de sua educação intelectual e religiosa. Da tribo que conserva o nome de guaná, há uma aldeia junto á Freguesia de Albuquerque e outra na margem do Cuiabá, em menos de meia légua da capital (MATO GROSSO, p. 90).

Sobre os Guanás e sua importância para a tecelagem do estado de Mato Grosso, pois teriam sido eles os precursores desse ofício, é importante consultar o artigo publicado na *Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil*, 1875, cujo título é *Esboço da viagem feita pelo Sr. Langsdorf no interior do Brasil desde setembro de 1825 até março de 1829*, escrito pelo integrante da expedição Hercules Florence, nas páginas 423 e 424, lê-se:

[...] São tramadas de um modo para mim desconhecido, os fios verticais inteiramente cobertos pelos horizontais de um lado e de outro, o que faz com que o tecido seja muito espesso e próprio para barracas, por não dar passagem à mais violenta chuva.

As mulheres guanás que fazem esses pannos usam de um grande quadrado de cinco a seis pés de largo, de madeira e apoiado sobre duas estacas perpendiculares. Nesse tear cruzam fios com uma reguazinha de páo, não de uma vez, mas por grupos de 100 ou

150 fios, que vão segurando um por um. Assim se a cadêa tem 1.000 fios cruzam sete ou dez d'esse grupos, a fim de fazerem passar o fio em toda a largura da cadêa. Por ahi se ve quanto tempo é preciso para acabar um pannão.

As mulheres de Cuiabá que fazem rêdes, seguem o mesmo systema. Para concluírem uma de duas varas em largura e comprimento, consomem seis ou mais dias.

Os pannões tem riscas largas e de diferentes côres: escuro carregado, preto, branco, pardacento, ruivo e azul claro; mas essas cores, que os fabricantes tiram dos mineraes e vegetaes, não conservam a viveza senão por pouco tempo; depressa desmerecem; padecem sujas; desmaiam, nunca porém, de todo.

Segundo Lima (1975), os teares verticais e a tecedura de baixo para cima, característica dos índios brasileiros, são encontrados também entre os índios do Chaco e da Bolívia. A origem do bordado, lavrado nas redes tecidas em Várzea Grande, que identifica as “redes cuiabanas”, não está determinada. Uma das hipóteses é a de que teria ocorrido uma troca de informações ou experiências entre índias e portuguesas, ainda no século XVII. Como Mato Grosso recebeu muitas informações culturais dos bandeirantes, poderiam ter sido deles que veio essa técnica:

A necessidade crescente de novas redes de dormir ou de transportar, fez com que, no início do século XVII, fossem introduzidas, nas casas dos paulistas, índias tecedeiras e, com elas, seus teares verticais. Desse convívio diário entre brancas e índias é possível que estas últimas tivessem aprendido o lavrado português ou ibérico (LIMA, 1975, p. 5).

A mesma autora diz que é certo determinar que, entre os anos de 1719 (1722/24), foram introduzidas as redes lavradas em Mato Grosso, através dos paulistas de Sorocaba, fundadores do Arraial do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Assim, as técnicas de fabricação em rústicos teares foram difundidas por grande parte do então Norte mato-grossense. Hoje, são restritas aos municípios de Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio de Leverger, Poconé, Rosário Oeste e Nobres. Embora sejam as mesmas confeccionadas em rústicos teares e tecedura de baixo para cima, há algumas diferenças nessas técnicas quanto ao aspecto da rede, ao material e ao tipo de fio utilizado. Depois do município de Várzea Grande, que é o principal núcleo – porém não em número de redes –, seguem Santo Antônio de Leverger, Nossa Senhora do Livramento, Rosário e Nobres.

As redes tecidas nessas cidades são diferentes das de Várzea Grande, a começar pelo material usado. Os fios são fiados pela própria artesã. Depois de tingidos, num processo caseiro, são urdidos, e o produto final é rede de grande durabilidade e de diferente aspecto. Geralmente são lisas, da cor do algodão cru. Podem ser listradas em cores pouco vivas ou em madras. Para conseguir a cor vermelha, a tecelã usa plantas como o urucum, ou o pau-brasil; para o amarelo, a tuiúva; para a cor vinho, jatobá. Finalmente, para o marrom usa-se o chico magro.

A geógrafa Josephina Paes de Barros Lima (1975) ressalta a importância da tecelagem e da produção das “redes lavradas” para o município de Várzea Grande, bem como para os estudiosos e pesquisadores da cultura brasileira. E, alerta:

Representa, sem sombra de dúvida, o maior núcleo de confecção de redes lavradas do país. Podemos citar a grande Cuiabá como o único foco de fabricação de redes lavradas do Brasil, uma vez que esse tipo de artesanato esta praticamente extinto em Sorocaba, onde ainda vivem duas ou três redeiras apenas (LIMA, op. cit., p. 5).

Para Monteiro [19-], em sua obra, *No Portal da Amazônia*, a rede várzea-grandense tem sua origem nos primeiros teares assentados na sesmaria do Capão do Pequi, quando ali viviam levas de escravos em senzalas. Lá, as negras eram postas no trabalho dos teares que, segundo ele, seriam de dois tamanhos: o pequeno, de quatro madeiras de aroeira ou ipê, destinado à fabricação de tangas, usadas pelos escravos; e, o grande, de armação maior e de iguais madeiras, para a fabricação de redes que eram usadas pelos escravos para dormir, posto que, naquele tempo, camas eram muito caras.

As redes segundo Monteiro [19-], eram mal tecidas, com fios de algodão de péssima qualidade,

colhido, não raro, nas lavouras locais. Mais tarde, com o aparecimento de outros povoados, novos teares foram construídos. Quando se fundou a vila que deu origem à cidade de Várzea Grande, no ano de 1867, muitas casas possuíam um tear e uma rede de tecedura.

O produto passou a ser objeto de uso não só das pessoas de baixo poder aquisitivo, como também daquelas integrantes de outras camadas sociais. Por fim, no século XX, beneficiadas pelas novidades da indústria, as tecelãs puderam melhorar a qualidade de suas redes, que eram então comercializadas. A esse respeito, o autor assim se pronuncia:

Mas já neste século, as redes ganharam capricho e não eram feitas somente para uso local, pois eram vendidas aos cuiabanos, e aos lotes, aos corumbaenses, que as levavam nas lanchas, com a banana da terra que vinha do Livramento. O fio para a tecedura das redes melhorou com o decorrer do tempo. Primeiro o trabalho com o próprio fio de algodão, depois apareceram as linhas mercerizadas, o novelinho, o fio francês, o fio de seda e outros vieram trazer às tecedeiras um campo elástico para ampliar a arte, levando a rede da senzala, já melhorada, a ocupar as varandas palacianas e a alcova dos ricos (MONTEIRO, 19-, 184).

Destarte, no município de Várzea Grande, as “redes cuiabanas”, que inicialmente eram tecidas com material simples e poucas cores, hoje esbanjam coloridos e lindos desenhos, estampando araras, garças, tuiuiús, onças, índios, e muitas flores; e, como se não bastasse, são arrematadas por lindas varandas de puçá. São produzidas por um número reduzido de tecelãs, que podem ser encontradas, principalmente, nas comunidades rurais do município, mas, sem dúvida, é na comunidade de Limpo Grande que se concentra maior número delas.

Mãos que tecem

Para Benedito Sant’Ana Silva Freire², poeta mato-grossense:

- a tecedeira

fia

afia seus dedos

no fuso

do uso

no emblema da linha

no confuso tear do dinheiro

As redes fascina a todos pelo colorido e pelos lavrados que vão revelando as mais diversas formas, flores e animais da fauna mato-grossense, como araras, tucanos, onças, tuiuiús, garças... além de formas humanas – como a figura de um índio flechando uma onça, ou mesmo a de uma santa, como a de Nossa Senhora do Livramento.

Quando se está em Limpo Grande, o colorido das redes fascina. Escolher é difícil, porque todas são lindas! São feitas pelas habilidosas mãos das famosas artesãs do local. Elas passam, todos os dias, horas e horas sentadas ao chão forrado por cobertor ou lençol, frente aos grandes teares.

Quando o visitante se aproxima de uma casa, descobre que há alguém tecendo, pelo ouvir de um som característico: o da batedeira – peça de madeira que lembra uma régua de mais ou menos dez centímetros de largura. É usada pelas tecelãs para a confecção das peças.

O tear é indispensável e, na comunidade, como quase todas as mulheres são tecelãs, existem muitos teares. “– Aqui, tem umas oitenta rederas, toda casa faz. Chega numa casa, é muito difícil não encontrar um tear” (Enedina Maria da Silva, 31/08/05).

2 FREIRE, Benedito Sant’Ana Silva. “As redes”. In: *Águas de visitação*. 2 ed. Cuiabá: edições do meio, 1980.

Algumas casas possuem mais de um tear: uma delas é a da tecelã Judite Pereira da Silva:

Este daqui é antigo. Esses tempo fazia tear no machado, no muque. Um outro que eu tenho é de pranchão. Não é bom como esses antigo, esse nunca acaba, eu nem sei que madeira que é. Aqui tem um que faz. É Jango, um rapaizinho lá perto da igreja, que faz. Mas só com esses pranchão. Ah, eu tenho três. A profissão é esse, né? Eu teço, as menina tece, urde paninho naquele otro (01/09/05).

De acordo com Lima (1975), a origem do tear vertical, utilizado para a fabricação das “redes cuiabanas”, tem a ver com um elemento da cultura material de várias tribos da América do Sul, assimilado pelo português. É formado por um retângulo de madeira forte – cumbaru, aroeira ou ipê –, com 1,20 m de largura por 1,80cm de comprimento, podendo variar. As traves laterais possuem dois orifícios onde se encaixam os esteios superior e inferior. Esses orifícios são sempre maiores que o diâmetro dos esteios. Assim, a rede pode ser aumentada em seu comprimento e, para que os esteios fiquem firmes nas traves, as rederas costumam colocar calços de madeira de tamanhos diversos.

Quando elas são observadas tecendo com tamanha habilidade, é de se indagar como foi que aprenderam a tecer, porque a elas, parece tão simples. A resposta é quase sempre a mesma: dona Judite, 48, diz que aprendeu sozinha, assim como suas quatro filhas. “– Faço rede desde os treze, catorze anos. É que só de vê tecê a rede, eu aprendi. E também nunca ensinei ninguém. Agora, quem nunca viu é difícil começá do zero. Eu nunca ensinei eles. Nenhum. Nunca ensinei. Só de vê, eles faz” (24/08/05).

Dona Evanildes Maria Pereira, 57, tece com sua filha Enedina, enquanto sua outra filha, Maria Antônia, amarra e lavra a varanda. Conta que aprendeu só por observar outras pessoas tecendo. Apesar da idade já avançada, diariamente, ainda, com a batedeira em punho, passa muitas horas frente ao grande tear, e faz questão de contar os detalhes do processo que a levou a se tornar uma tecelã:

Eu ia pô colégio, né? Papai era pobre, né? Tudo nós era pobre. Ele vivia assim de roça... então, eu chegava do colégio, eu e meu irmão, eu sô mais velha, né? e o meu irmão é mais criança que eu. Ai, né? chegava do colégio, cabava de almoçá e acompanhava papai pra roça, né? Ia ajudá ele plantá. Ele fazia cova, ajudando, né? porque criança do colégio... morava aqui no Limpo Grande. Aí não tinha como interessá, né?. Ajuda mãe. Eu chegava do colégio, cabava de almoçá. Eu sendo a mais velha tinha que i, o guri também. E a mamãe ficava em casa, cuidando as criança e, nas hora vaga, ela tecia. Mas eu nunca cheguei de pegá na batedeira e sentá pra mim aprende fazê rede, não. Aí, sempre criança ia na casa do vizinho, né? hora vaga, ficava espiando outro trabalha, né? e a minha mãe urdia rede, precisava do buriti, da abridera e mais das taquarinha. Aí a mamãe nem pegava no novelo como nós urdi. O novelo ficava assim, numa vasia. Ela só pegava a linha, né? e trancava no buriti, na abridera e nas taquarinha. Ai, eu falei, mas esse negócio é bem difícil, né? Eu não entrava assim na minha cabeça, né? tanto negócio que a minha mãe usava pra urdi, né? Aí eu ia na escola, chegava e ia com papai pra roça. Vinha. Ai sai do colégio, sem sabê nada. Tinha doze ano, sai da escola. Sai do colégio pra mim trabalhá, pra tê roupa pra mim, porque não tinha mais pra i pro colégio, né? Aí larguei da escola e fui urdi rede com outra, uma vizinha. Aí, depois, larguei de acompanhá papai. Eu sai da escola tinha doze pra treze ano. Aí perguntemo pra uma dona. Nós num tinha o corte, né? Perguntemo pra uma tia da... até agora ela é minha comadre. Bamo perguntá pra Nelina se ela confia de dá um corte de fio pra nós, né? Aí nós fomo e perguntemo pra ela, era tia da outra: e a senhora confia de dá a linha pra nós experimenta de tecê? Nunca tinha urdido, nunca tinha tecido! Mamãe fazia, mas eu to falando que não pegava nele. Já queria já ganha, né? Aí, né? ela falô, ah! eu dô. E ela deu o corte do negócio pra nós, e nós peguemo e urdimos. Urdo do outro tipo que nem a mamãe não urdia desse. O da mamãe eu achei difícil, né? Ai, de vê o outro, urdi. Peguemo, urdimos a rede, tecemo a rede, gostaro da rede, aí já foi só metendo pau na rede, larguei da roça, eu sozinha! Daí que eu falo: nós, ninguém precisa de ensiná, só de vê, esse daí, desde os doze ano ele faz rede grande. Essa aqui ela mexe só co varanda, ela amarra e lavra, nunca se interessô de tecê (31/08/05).

Segundo publicação do governo do estado de Mato Grosso – *Fundação de Promoção Social – Prosol, Inventário de cultura popular mato-grossense*, v. I, 1978, existem dois tipos de rede lavrada: rede de meeiro e rede trepadeira ou subideira, assim descritas, segundo a mesma publicação:

Rede de meeiro é constituída de partes distintas que são:

- Limpinho - parte tecida antes de se iniciar a lavar.
- Guarda ou cercadeira - grega que contorna o corpo da rede.
- Travessado - trepadeira de rosas, folhas e botões, no sentido da largura da rede, próxima aos punhos.
- Subideira - trepadeira feita de rosas, folhas e botões feita no sentido do comprimento da rede.
- Topinho ou canteiro - desenhos (rosas, aranhas, estrelas) que ficam entre o travessado e o meeiro.
- Guarda do meeiro - grega que contorna o meeiro.
- Meeiro - pode ser um ramalhete de rosas, dois anjos, a fêmea do Mutum, ou qualquer outro motivo lavrado no centro da rede. É contornado pelo guarda do meeiro.



Figura nº 02 - Rede lavrada, Ararão, produzida pelas tecelãs do povoado de Limpo Grande-MT – Foto: Maria Lúcia Coradini Da Campo - 2005

Outro tipo de rede é a de subideira ou trepadeira, lavrada com três ou mais trepadeiras feitas de rosas, folhas e botões, no sentido do comprimento. Há trepadeiras feitas com desenhos chamados de aranha, girassol, uva.

Entre fios e lavrados

Quando se envolve no mundo das redeiras, passa-se a conhecer a linguagem própria do ofício, como se viu até agora. Assim, vocábulos como enovelar, urdir, bilro, corte de fio, tecer, batedeira, punho, sobrepunho, cadarcinho, travessado, canto, buriti, varanda, puçá, tear, liço, meeiro, fazem parte do modo de falar das redeiras. É importante, para melhor entendimento, conhecer o significado dessas palavras; caso contrário, ele não fica completo:

Eu e minha mãe, ontem, o dia intero. Ai eu não terminei de urdi. Ah! eu começava fazê um pedaço, tinha que desmanchá. A linha diferente. A dona troxe a linha tudo novelada, porque quando nós novela nós faz assim! Porque vem de fardo, né? Tem os fardinho de seis, aí pega de um fardo e pega de outro, prá novelá, pra não saí manchado. Acho que ela pegô só de um, aí dá diferença. Nem que é o mesmo número dá manchado (Enedina Maria Pereira, 31/08/05).

Enovelar a linha é o primeiro passo do processo de confecção da rede. A redeira faz “bolas” de fios duplos, para usar no urdir da rede. Urdir é o esticar dos fios na posição vertical no tear.

Buriti é uma peça roliça de madeira ou ferro. É usada pelas “redeiras”, com fala a redeira Enedina Maria Pereira (31/08/05): “– De primero era só de maderá, ficô difíci, né? Agora é ferro. Eu lembro que teci uma rede com buriti, quando tava perto de tirá, quebrô, enrolô os fio...”

Batedeira é uma peça de madeira, que a tecelã usa para bater, ou seja, para ajustar a trama dos fios enquanto está tecendo. É pelo som das batidas da bateadeira que se sabe se há alguém tecendo. A bateadeira não precisa ser madeira especial, como diz a tecelã Evanildes Maria Pereira: “de qualqué maderá mais pesado né?”

Liço são os fios de algodão que a redeira passa transversalmente entre os fios já urdidos no tear. Eles facilitam o trabalho de tecer e de lavar a rede. Dona Judite mostra e dá mais detalhes: “– Chama liço. Esse aqui puxa pra passá o fio. E, esse aqui, puxa pra pegá os ponto pra bordá”.

Birro são os novelinhos de linha que a redeira usa para bordar ou lavar a rede. Muitas dizem *birro*. “– Esse aqui é mais demorada, o ararão. Tem bastante birro” (Joilce Clemente da Silva, 23/08/05).

“Fala *canto* aquele que não segue travessado: segue direto. Tem vez que não põe a cercadera, faz só o canto, dá outra vista na rede” (Judite Pereira da Silva, 05/07/05).

Corte de fio: quantia de linha necessária para tecer uma rede.

De ganho: tecer para outra pessoa, que geralmente também é tecelã, e receber só pela mão de obra.

Na mesma publicação do governo do Estado de Mato Grosso, há pouco mencionada, encontram-se mais informações técnicas relativas à tecelagem e confecção de redes.

Rede lavrada - para confeccionar uma são necessários 2,5 kg de fio para fazer o tecido e 500g para bordar. Ou, como dizem: lavar.

O *tear* é montado com as pernas em posição vertical; os pés apoiados no piso, e, as partes superiores, na parede.

O *buriti de troque* é pendurado em posição horizontal, logo abaixo do braço superior, onde fica preso por um barbante amarrado em cada ponta.

O *buriti de punho* também é amarrado em cada ponta e preso no braço superior. Fica pendurado, em posição horizontal, junto ao braço inferior.

Urdir significa colocar no tear a quantidade de fio necessária para tecer a rede. Urde-se envolvendo-se os braços superior e inferior com os fios verticais. Deixa-se o *troque* (trama, entrelace dos fios) debaixo do *buriti de troque*, e prende-se os fios dos punhos no *buriti de punho*. Ficam dispostas no tear, duas camadas de fios, no tamanho exato à largura da rede. Uma na parte anterior do tear, e outra na posterior.

Pronta a urdidura, desloca-se o tear. Isso é feito retirando-se as cunhas que fixam o braço inferior do tear. Em seguida, gira-se a urdidura passando-se o buriti de punho para a parte posterior do tear.

O *liço* é uma franja que funciona como pente e que auxilia a tecer. É feito com um novelo de dois fios. Laça-se fio por fio entrelaçados da parte posterior do buriti de troque e passa-se a laçada entre fio por fio, entrelaçados da parte anterior do buriti de troque. Para se laçar esses fios, os dedos

das mãos das tecelãs funcionam como agulhas de crochê, que arrematam a franja (liço), como uma própria correntinha de crochê.

O lavrado (bordado) é feito enquanto se tece. Para lavar, passa-se o *liço de lavar*, que é feito laçando-se três fios de uma só vez da camada posterior da urdidura; contam-se três fios da camada anterior e passa-se a laçada entre eles. Em seguida, fazem-se os novelinhos de linha, os bilros, nas cores que serão usadas nos desenhos.

Espichadeira para rede. É usada, na tecelagem manual, em tear vertical, para manter a largura do tecido. Feita de taquara, em cada ponta entalham-se três dentes (bicos), que são “espetados” nas auréolas do tecido no sentido da largura, com o fim de se evitar que ela diminua ou aumente enquanto está sendo tecida.

Liga ou cadarcinbo. É uma tira tecida que liga os fios dos punhos.

Os *sobrepunhos* fazem-se de um cordão torcido de 18 fios, com auxílio do cambito. O comprimento do cordão deve ser exato para um sobrepunho. O fio torcido é passado pelas cabecinhas dos punhos, e fazem-se as alças com dois palmos de comprimento.

Encastão é o arremate dos sobrepunhos, a parte que prende a rede ao armador.

O tempo para se tecer uma rede é incerto e depende de vários fatores: do tipo de desenho que vai ser lavrado, porque alguns necessitam de muitas cores, o que obriga a tecelã a usar muitos bilros:



Figura nº 03 - Judite Pereira da Silva tecendo uma rede lavrada, tendo em seu colo a bateadeira – Foto: Maria Lúcia Coradini Da Campo – 2005

Essa rede aqui é prá vendê. Do começo ao fim, eu demoro um mês prá deixa prontinha. Mas é assim. Tem vez que a gente sai. Eu gosto assim, sem compromisso. Dia que dá coragem eu pego; dia que não dá coragem, eu não pego. Também depende do desenho né? esse aqui é o mais demorada, o ararão, tem bastante birro. De dois eu gosto de fazê (Joilce Clemente da Silva, 24/08/05).

Lima (1975), em *Manifestações do artesanato mato-grossense*, diz que o trabalho da artesã inicia-se após ela ter armado o tear na sala. Feito isso, inicia-se a amarração dos dois buritis (do punho e da abrideira), mais ou menos no centro do corpo do tear, e se transformam as meadas ou novelos de linha em vários novelinhos.

Sentada no chão ou em um banquinho, a artesã começa a urdir de baixo para cima, seguindo a tradição indígena. A meia altura do urdume, passa o liço – fio em trama frouxa – que serve para separar os fios e, por entre eles, corre o novelo na posição horizontal. A cada fio recém-tramado, a artesã usa a bateadeira, espécie de régua grossa feita de buriti, cuja finalidade é dar mais resistência ao tecido. Quando já teceu uns cinco centímetros, ela prende a espichadeira, que é feita de taquara e serve para manter a rede bem estendida.

Após fazer os liços para o lavrado, a tecelã vai, então, tecendo e lavrando com a ajuda dos bilros (meadinhas de linha de diferentes cores). Para tecer uma rede, em média, são gastas cinco horas de trabalho por dia, podendo demorar até um mês.

Dona Elza está tecendo uma rede azul com garças brancas. Depois de pronta, ela a deixará na Casa do Artesão na cidade de Cuiabá, em consignação, torcendo para que alguém venha a comprá-la brevemente:

Quando eu tenho tempo prá sentá e fazê mesmo, em menos de um mês eu dô conta de tecê uma. Dependendo do desenho, porque tem, assim, rosa. Das veis é mais fácil de fazê. Agora, esses desenho cheio, assim, de galho, esse aqui, não tem como fazê de uma pessoa só. Demora, esse aqui, porque até que faz tudo aqueles detalhezinho dele aí. O preço é o mesmo. Tem pessoa que já pegaram 850 real. Eles, lá, ganha mais 30% por cima (24/08/05).

A rede é feita por partes. Assim, o trabalho pode envolver pessoas de diferentes habilidades. Algumas tecelãs fazem-na por inteiro; outras contratam pessoas que fazem determinadas partes, como a varanda, que é amarrada e depois esticada num bastidor, onde é lavrada:

É que eu quando faço eu pago pra fazê a varanda. Esse não gosto de fazê, sempre pago. Tem uma sobrinha que não faz rede, só mexe com varanda. Ela que amarra, tem outro que lava. Tem as redera e tem as varandera. A minha sobrinha não aprendeu faze a rede. Aí, ela só faz varanda. Tava cobrando 30 real só pra amarrá, dando a linha. É muito enjoativo pra amarrá, eu sei amarrá, amarra na mão. Eu já gosto de tecê a rede. O punho que arma, né? esse eu faço, não é demorado (Joilce Clemente da Silva, 23/08/05).

Para o acabamento lateral, utiliza-se de um processo de produção diferente do pano da rede. E, nas “redes cuiabanas”, é usada a varanda de puçá que, segundo a publicação já referida, em sua página 37, é feita da seguinte forma:

Amarra-se a ponta da linha na ponta do “dedão” do pé. Fazem-se três malhas, com a agulha de osso, na primeira carreira. Na Segunda, aumentam-se um ponto de um lado e um ponto de outro lado; e, assim, vai-se aumentando até se obter trinta e duas malhas, que formam a largura da varanda. Amarram-se as malhas na ponta do pé até o tamanho de 5 cm. Depois, prende-se o trabalho em um galho de árvore, pé de mesa, ou qualquer outro lugar que ofereça condições à artesã para tecer.

A varanda é lavrada (bordada) com ramos de rosas chamados de trepadeira ou subideira. Para lavar é preciso colocá-la no bastidor, bem esticada. Lava-se com agulha de costura. É usada para dar acabamento à rede de dormir, tornando-a mais bela (LIMA, 1975, p. 37).

Dona Judite conhece todas as redeiras e sabe que existem muitas mulheres que só fazem trabalho com varanda. Isso aumenta o número de mulheres envolvidas na atividade e que contribuem para com o aumento da renda familiar. Mas, muitas delas procuram trabalho formal:

Esse aqui tem vez que perguntam quantas mulher tem rede aqui no Limpo Grande. Fosse reuni tudo que faz um serviçinho de rede, uma varanda, tem mais de cem. É que, agora, um bocado já desistiram. Tão trabalhando o dia intero, porque ficô o artesão-história, né? Até que era enrolado mas era bom ainda. Antes de entrá esse governo de agora, nem é culpa do governo. Agora, diz que tá melhorando. Agora, o que vende, diz que vai pagá em quinze dia. Tem rede lá no artesão, diz, que foi vendida em setembro do ano passado, e não pago até hoje (01/09/05).

Maria Antônia, filha da tecelã Vanildes Maria Pereira, é varandeira. Ela não só faz as varandas das redes que sua mãe e sua irmã tecem juntas, mas também trabalhos por encomenda. Recebe 30 ou 35 reais para o par de varandas da rede, amarra e lavra. Também, faz para vender como acessório de moda:

Minha prima que fala. Todo mundo compra, né? pra sai. Fala: vamo, nós usa também. Eu trabalhei pro Hernani Monteiro³, bastante tempo. Mas, desde pequenininha eu trabalhei pra ele. Ele faz dele mesmo, ele paga pra fazê. Tem as pessoa certa que faz pra ele. Aí, as varanda, ele me dava (25/08/05).

A tecelã Elza tece a rede, mas também paga para outra pessoa fazer a varanda, porque sua filha, que sabe amarrar e lavrar a varanda preferiu trabalhar como assalariada:

[...] falta a varanda que eu tenho que encontrá pessoa, porque eu não lavro a varanda, eu ainda não tentei lavrá, eu não sei lavrá a varanda. Faço a parte mais difícil, amarrá eu sei. Agora, eu vô amarrá um pedaço de varanda pra mim aprendê lavrá. Minha filha sabe, mas só que ela trabalha numa firma perto do Aguaçu, Dog Boi. Serviço geral mesmo. Ela sabe amarrá, ela sabe lavrá, ela sabe tecê. Ela não gosta de tecê, foi trabalhá, disse que ganha mais. Ela terminô o segundo grau e ficô um tempo sem estudá, porque depois é tudo pago. Agora, tá fazendo cursinho na Microlins, ela tá pagando. Porque o trabalho meu é só de rede. Aí, a gente não tem dinheiro pra pagá, porque, a gente que mexe com rede, pudesse só fazê e entregá, fazê e entregá... O mais difícil é vendê! Aí, surgiu esse serviço, ela foi trabalhá (31/08/05).

Existem trabalhos menores que podem ser feitos pelas tecelãs e gerar renda, como tapetes, caminhos de mesa, *echarps*, cortinas, como fez dona Joice. “– eu fiz uma cortina amarela, com duas arara no meio, ficô bonita! (23/08/05).

Laize Cristina Barros de Oliveira se divide entre as tarefas da casa, o cuidado de seus dois filhos e a tecelagem. No momento da visita, estava fazendo redinhas para bonecas “– É pro Hernani, diz que vai paga 35 real, deu a linha; é pequenininho; é ruim pra batê; dá mais trabalho”. Ela mostra os detalhes da pequena rede: “– Esse aqui é o puçazinho”, e explica: “– Puçá é antes de lavrado, depois amarra e lavra”. Os *caminhos de mesa*, também chamados de paninhos pelas tecelãs, são de venda rápida devido ao preço mais acessível. “– O último caminho de mesa que eu fiz, com uns dois metro de comprimento, foi 150 real, com a minha linha” (Elza Justina de Oliveira, 25/08/05). Ela valoriza o trabalho feito na comunidade:

Esses trabalho aqui, ah, tá até lá em Roma. Onde tá o Papa, tem esses trabalho. Quando ele veio aqui em Cuiabá, aqui aquela dona Neide fez um monte de trabalho. Aqueles caminho tudo branco, bordado. Aí, ela fez caminho de mesa, aquela estola branco, tudo bordado, lindo demais! (24/08/05).

Também Enedina Maria Pereira faz referência à dona Neide. Era redeira da comunidade, falecida em 2004. Muito querida na comunidade, tinha relações com pessoas de alto poder aquisitivo. Usava de diferentes estratégias para colocar redes no mercado e conseguia vender bastante. Para dar conta das encomendas, pagava outras tecelãs para tecer-lhe as redes. Ainda hoje, essa prática é comum em Limpo Grande:

Lá que vinha bastante comprador. Ela era bastante conhecida, os pessoal ia direto lá. Ela era daquelas pessoa que ela não fazia quase. Ela saia só pra vendê. Ela ia em todos esses lugar aí, era bastante conhecida. Nós fazia rede pra ela. Todo mundo fazia. Ela tirava foto bastante das rede, aí ela saia oferecendo, mostrando as foto, todo mundo fazia rede pra ela. As filha mexe, mas não é a mesma coisa, a mãe dela era boa demais, dava serviço pra todo mundo (31/08/05).

3 Hernani Monteiro, é proprietário de uma loja que comercializa “redes cuiabanas”.

Esse depoimento evidencia a desarticulação das artesãs e a falta de entendimento para uma associação na comunidade. Cada um procura fazer o seu *marketing* pessoal: “– Como lá na Judite. Lá, vai bastante gente, porque lá tá mais conhecido” (31/08/05).

A tecelã Maria José da Costa, funcionária pública municipal, no período matutino trabalha na escola da comunidade. No vespertino, ocupa-se com a tecelagem. Em agosto, tecia uma rede de fundo branco, de desenho diferente, com Nossa Senhora do Livramento ao centro, como meeiro.

Ela nunca havia lavrado esse desenho da santa: “– Foi uma encomenda da festeira da festa de Nossa Senhora do Livramento desse ano, que a rede é pra dá de presente pro governador, que foi convidado pra i na festa lá em Nossa Senhora do Livramento, que é no dia 11 de setembro” (25/08/05). Pelo fato de ser confeccionada com fios brancos, exigia cuidados redobrados. Por isso ela contratou uma ajudante, a tecelã Ana Gonçalves Arruda: “– Ela pagô 130 reais pra eu ajudá, desde o começo, só que não ajudei urdi” (31/08/05).

O trabalho feito pelas tecelãs não é acessível a todos os bolsos. Enedina Maria Pereira desabafa: “– todo mundo acha cara a rede, tem a linha, o serviço, a cansera” (31/08/05). O cansaço é uma das queixas das redeiras que trabalham sentadas no chão: “– No banquinho eu não gosto, tem que levantá o joelho. A minha irmã tem problema de coluna. As vez, quando eu teço muito rápido, quando chega quatro hora, aí já tem que pará, aí as perna, as perna é que dói. Os joelho” (Joilce Clemente da Silva, 23/08/05).

Elza Justina Silva de Oliveira, de 49 anos, também sente as conseqüências do trabalho. Ela, como todas as tecelãs, prefere se sentar no chão, não usa o banquinho. Ressalta também o cansaço provocado pela dupla jornada, comum à maioria das mulheres:

Tem que ficá viajando, pra lá, pra lá. Aí, as vez, quando faz assim demais, quando é tarde, que eu paro de trabalhá, não quero mais nada! Quero ficá deitada, esticada, cansa demais, porque sai de um trabalho, tem outro trabalho pra fazê. Eu termino o serviço, tô morrendo de cansada. Mas, mesmo cansada, eu já quero fazê o serviço que tem pra fazê, porque se for pará prá descansá, eu não tenho coragem de fazê. Depois que o corpo relaxa, aí já não qué mais. É cansativo. Esse trabalho aqui, é. Força muitas coisa, problema de dor nos braço. Ah! mas dia que trabalha assim, quando chega a noite não dá conta de dormi. Mas dói os braço! Mas dói! Aí, tem vez, quando chega a noite... não tem moleza! (25/08/05).

A linha, outro ponto referido pela tecelã Enedina, é motivo de preocupação de todas as redeiras. Elas compram a linha no varejo e, como para tecer uma rede é necessário usar grande quantidade, a preocupação é constante:

De primero, bem começo da Casa do Artesão, tem uns trinta ano, de primero dava dezesseis novelo de linha Cléa. Davam dezesseis. Nós fazia a rede e sobrava linha. Agora dezesseis dá só pra urdi, tem que sê vinte e quatro novelo. Quanto tá diminuindo! (Judite Pereira da Silva, 28/08/05).

Dona Elza também tem suas observações:

A linha ela subiu o preço e diminuiu a quantia de linha. A gente fazia com quinze novelos. Agora tem que colocá dezessete pra dá uma largura boa e um tamanho bom, fora o bordado. Tem a varanda, tem o punho. A gente fazia com quatorze, quinze novelo. Fazia uma rede enorme, agora não dá mais. Essa aqui, tem quase dois metro de largura (25/08/05).

A linha usada para tecer a rede e os demais trabalhos é industrializada. Das marcas conhecidas no mercado: Cléa, Camila etc. Mas também é usada a linha de algodão cru, vendida em cones e mais barata. Também, dá um trabalho também bonito, porém, é de difícil manuseio: “– é áspero, dura, mas ele é tão bonito o lavrado, eu acho que todas cor orna nele” (Evanildes Maria Pereira, 31/08/05).

O preço da rede feita de linha de algodão cru também é diferenciado, como explica Jucileire Clemente da Silva, (24/08/05), “– a de algodão tá vendendo a 600 real. Essa lavrada que da outra linha

vende a 850 real. A linha é mais barato, mas poca coisa; porque, prá lavrá, vai a mesma quantia. Paga sempre mais barato, porque diz que a linha é mais barata. Muita gente não gosta, porque é clara”.

Dona Judite trabalha com os dois tipos de linha. Quando entrega na Casa do Artesão, os preços são diferentes. No momento da entrevista, estava tecendo uma rede de algodão cru, toda lavrada, de grande beleza:

Essa rede aqui é um ararão, é pra vendê, eu tô fazendo. Se a senhora quisé eu faço outro. Essa linha orna com tudos molde. Outro dia, vendi uma dessa linha aqui, só que não queria essas cores todas na rede, queria cores clara, cor de rosinha claro, amarelinho claro. Nós gosta mais vistoso, né? De cor é 850 real, mas esse aqui, deixando lá na Casa do Artesão, é 700 real. A dona Elza já dexô lá por 750 real. Eu, deixando lá, vendo por 700 real. Mas, se eu achá quem compra aqui em casa por 650 real, mas eu vendo né? Esse algodão. Mas, esse vermelho, 800 real, vale. Até vendeu uma rede meu, uma que falei que passô na televisão, uma verde, sabe, 850 real, na Casa da Artesão, preço meu, mas eles cobram mais 30% em cima. La na Sueli, no aeroporto, eu tenho varanda, caminho de mesa (Judite Pereira da Silva, 26/08/05).

Em relação à Casa de Arte e Cultura da cidade de Várzea Grande, a queixa das artesãs se referem à taxa de 100 reais que lhes é cobrada quando ocorre a venda. Isso, além de a casa já haver acrescido os costumeiros 30 por cento no valor inicial da rede. Se uma redeira deixa uma rede por 800 reais, o cliente pagará por ela 1.040,00. A redeira, porém, receberá da Casa, apenas 700. “Na Casa da Cultura de Várzea Grande, tira mais 100 real depois que vende. Esse eu acho errado. A senhora vê quanto é a porcentagem, depois de vendida que tira mais!” (Judite Pereira da Silva, 26/08/05).

É difícil prever a quantidade de linha para uma rede. Depende do tamanho, e se é lisa ou lavrada. Dona Joice Clemente da Silva está fazendo uma rede com figura de uma arara, de fundo preto. As figuras lavradas nas redes são, antes, desenhadas em folhas de papel:

Vai dezesseis preto pra urdi, mais quatro novelo preto pra tecê. Também, depende do tamanho da rede. Tem punho, tem varanda. De oito pra frente só pra lavrá. Na varanda vai dois novelo pra amarrá, fora o lavrado. Tem gente que lavra completo. Coloca tudo o que vai na rede. Tem gente que lavra com menos. Aí tem cadarcinho, vai mais um pacote, o punho. Quando não tem um desenho, troca com outro, um empresta pro outro (Joice Clemente da Silva, 23/05/05).

Dona Judite, conhecedora do custo da linha e do trabalho, muitas vezes precisa convencer os possíveis fregueses sobre o valor da rede, o que a deixa, muitas vezes, indignada:

Outro dia veio uma dona aí em casa. Chegô, perguntô o preço. Eu falei, né? desses assim 800 real, 850. Aí perguntô a de algodão. Falei 700 real, 650. Ave Maria! Pensei que era quatrocentos e pouco! Falei: dona não tem jeito, só a linha vai duzentos e pouco, mais a mão-de-obra, como é que vai vendê! Ela falô: Eu queria de quatrocentos e cinqüenta. Esse de algodão eu posso fazê por 550 real, esse de algodão com algum desenhinho. Falei: vocês porque não sabe como é que nós faz, né? Queria quatro rede, mas todas de 450 real. Ai falô que lá na loja Cearense tem de 10 real. Falei: então com 450 real, a senhora compra bastante! (01/08/05).

Entre as tecelãs há diferentes situações. Algumas podem comprar o corte de fio, como dizem, ou seja, a quantidade de linha necessária para tecer uma rede. É o exemplo de dona Elza, de dona Judite e suas filhas: tecem suas redes e partem para a venda que, aliás, é a parte mais difícil. Para superá-las, buscam diferentes meios.

Dona Elza procura contornar as dificuldades com criatividade:

As vez a gente paga pra ajudá, porque um trabalho não fica fácil pra fazê. Esse aqui, eu to mais de dois mês nele, sozinha. Esse aqui é com garça, aqui no meio é duas garça grande. Assim, no meio. Garça pequena birra muito ela. Só pra uma bordá, não é fácil. Eu tecia com minha irmã, aí ela fez a casa dela, foi tecê na casa dela, quis tecê sozinha, aí ela ficô só na casa dela. Arara sempre é o mais pedido, ararão. Esses aí é o mais. Quase

todo mundo faz mais esse desenho, é que sai bastante. Este aqui é meu mesmo, depois de pronto aí, se aparece alguém que interessa comprá, a gente vende. Se não achá, leva lá na Casa do Artesão. Se não quiserem, fica em casa (25/08/05).

Dona Judite tece com suas filhas:

Tuda vida nós levamo lá na Casa Montero, né? Do Hernani, né? Esses mais velho, tudo vendia lá. Papai mesmo vendia com mamãe lá, né? Eles, toda vida eles são assim, compra mais barato. Tem vez que tá com dinheiro paga nós na hora, assim compensa mais. Vende mais barato e recebe mais rápido do que vendê, assim, parcelado. Eu, nem que demorá dois, três mês, quero recebê tudo junto. Recebe hoje duzentos, amanhã... não faz nada. Tudo junto, não! Já compra um bocado de linha, tira de fazê uma compra dum lençol, tudo, de pouco não (25/08/05).

Para vender, a tecelã Judite está sempre atenta às oportunidades. A preocupação com a venda é constante, porque não estão organizadas em cooperativa ou associação; cada tecelã vai traçando suas próprias estratégias:

Um dia ligô aqui em casa, que queria três rede. Que era pra presentear o presidente Lula. Presenteá só esses político aí. Ligo aqui. Até uma rede que nós tava fazendo 700 real compraram as três. Aí fizemo uma diferença: vendemo a 600 real pra ela. Ah! eu tava com dívida no banco, né? Aí ela ligô aqui, queria... porque tava na Casa do Artesão, nós não guarda rede aqui, porque é difícil comprador, né? Quando tá pronta, nós leva na Casa do Artesão, na Casa de Arte e Cultura, o lá no Sueli. Aí, quando tem comprador nós vai lá e tira, né? nós vai lá e tira, se acha compradô. E, eu tava com uma dívida no banco, atrasada, 1.800 real! Fui no banco, entreguei tudo e paguei a minha dívida. E se ela não compra? Se vende de um em um como que eu ia pagá essa dívida? Tenho muita fé em Deus, consegui, paguei a dívida. Depois, ela não comprou mais (25/08/05).

Dona Judite explica como conheceu a pessoa que comprou suas três redes no mesmo dia – o que é um fato raro –, e a estratégia para se aproximar da possível compradora:

Conheci ela assim, eu sô boa de papo, né? Tava lá no Porto, na Casa das Linha, no Porto, não tem a Casa das Linha? Aí tava lá, né? Esperando, né? Ela deixa a porta fechado, né? A gente chega, ela vê que a gente chegô, que ela abre. Fiquei lá esperando. Aí, depois, eu vi essas duas mulher chique que pararo o carro né? fui lá né? aí cheguei conversando com ela né? Aí, eu falei: a senhora tá esperando a loja daqui abri? Ela falo: é! Eu falei: ah! eu também to aqui faz hora que to esperando, não abriu até agora. Falei vim vendê uma rede pra ela. Eu pensei: o que tá fazendo aqui? Aqui é uma casa de rede, tá querendo comprá, né? Aí ela falô: a senhora faz rede? Falei que fazia. Eu queria duas, a senhora tem duas? Tem, tenho uma na Casa da Artesã. E aí? dá pra tirá? Tira mesmo, é só acha compradô. Tomamo um suco e fomos no Artesão. Mostrei, tava lá aberta. Ah! Gostei! Pode tirá! Não tem caminho de mesa? Eu tinha assim só pequeno. Falei: eu não tenho, lá onde moro tem bastante. Onde a senhora mora? Eu falei: no Limpo Grande. Ah! Então vamo lá compra né? Ela pergunto pra quem eu vendia né? Falei: político, tem gente estrangeiro né? tudo esses grande. Ah, então agora a senhora, a senhora vai fazê só pra político, porque eu sô a mulher do [...]. Aí, ela comprô as duas. Teve nas casa das dona aí. Todas vendeu paninho. Aí, dessa vez que eu conheci ela, se não tivesse espiculado ela, não ia vendê, né? (26/08/05).

Juscieire Clemente da Silva, 27, filha da redeira Judite, também tem conseguido vender por meio de contato com pessoas de fora da comunidade de Limpo Grande. No ano de 2005 foi convidada a participar da Exposição Agropecuária de Cuiabá – EXPOAGRO. Participou também da Feira das Américas, no Rio de Janeiro, a convite do SEBRAE, e, da Feira dos Estados, em Brasília:

Na Feira das Américas que fala, fui eu e uma outra de Tangará, que levô bijuteria de semente, e uma de Cuiabá que levô sabonete caseiro. Os que olhava as rede era os de Cuiabá, aqui, que mudaram pra lá. Em Brasília, eu fui com o pessoal da Cultura, Sônia

Mazzeto. Fui eu e mais outra, que mora depois do Tanque, nós duas com rede. Eu participei da EXPOAGRO, vendi quatro redes de tucano. A vereadora Chica Nunes que me levô. Fiquei no *stand* da Câmara de Vereadores, aí colocaram as redes pra decorá lá (31/08/05).

Ela reclama da forma com que o SEBRAE atua, inclusive, no que tange à divulgação:

Assim! Eles sempre saem assim! O SEBRAE, que eu já fui pro Rio de Janeiro e pra Brasília. Às vezes eles pegam ou compram uma rede das mais feia, velha mesmo, e assim, tipo na EXPOAGRO, eu tava lá com umas rede bonita, lá no *stand*, eles no *stand* do SEBRAE, tavam com umas rede feia lá, ainda assim só de amostra, não era pra vendê, representando as rede (31/08/05).

A respeito do SEBRAE, sua irmã, Jucileire, também tem observações:

O que já fizeram de pegá rede emprestado aqui. E uma veio até suja. Uma vez eles vieram e nós falamo que não tinha: ah! vocês não tão querendo. Vão te que alugá, porque levam a rede, demora um mês pra devolvê. Uma vez veio cheirando fumaça. Aí, eu falei, vão te que alugá. Aí, nunca mais vieram (31/08/05).

A atuação do SEBRAE na comunidade foi de forma pontal, perdeu-se a oportunidade de realizar um trabalho com as tecelãs que tivesse continuidade, de forma a estabelecer vínculos, o que demandaria tempo, porém, traria melhores resultados.

A tecelã Joice, no momento, está tecendo *de ganho*, como dizem. Isto é, está tecendo para uma pessoa que também é redeira e que irá pagar-lhe pela mão-de-obra. Isso não significa que ela sempre tecera nessa condição, ou que sempre irá tecerá assim.

Mas, a preocupação com a venda é comum em todos os depoimentos, porque, em geral as redeiras são pessoas de pequeno poder aquisitivo. Quando compram o corte de fio gastam o dinheiro, e se depois de pronta não conseguem vender com rapidez, o dinheiro, empregado na compra da linha, vai fazer falta.

Em contrapartida, quem tem maior poder aquisitivo compra a linha e contrata redeiras. Essas pessoas, denominadas de contratantes, ficam cada vez mais conhecidas como, ou redeiras, ou fornecedores de redes. O problema fica para as contratadas: vendem a mão-de-obra e ficam no anonimato, anonimato tal que se vai sedimentando:

As pessoas preferem encomenda e querem a rede pronta. Difícil quem vem trazê a linha, não vem, quem encomenda já qué a rede pronta.

Também é difícil encomenda. O pessoal já vem mais daquela hora, vê a rede, tem bastante, que escolhê, né? Eu aqui só difícil tê. Quem tem é a Valdirene, lá sempre tem pra mostrá, que a mãe dela que mexia, né? Aí é minha prima. Até a mãe dela, dona Neide, morreu, faz um ano que ela morreu. A mãe dela era patroa aqui. O pessoal não tinha fio próprio pra tecê. Ela pagava pra todo mundo pra tecê, pra fazê varanda; ela pegava demais de encomenda. Ela chegô fazê rede até pro Papa, pro padre... aquele negócio que coloca assim no pescoço, assim... ah! ela tinha muita amizade com gente rico, demás! A filha dela continua. Essa rede aqui é da filha dela. A filha dela manda fazê e deixa aí. Tem gente que as vez nem sabe que a mãe morreu, aí vem procura a mãe dela. Ela paga pra mim fazê. Ela paga bastante gente aqui. Que tem gente aqui que não tem o corte próprio, assim, né? Nem todo mundo tece assim pra vendê, né? Tem uns que tece assim. Fazê da gente mesmo é muito melhor, você ganha muito mais; as vez fica ruim pra vendê, sai pôco. É que elas trabalha, elas sempre tem mais dinheiro. Aí pagam quem tece né? Pro dinheiro í movimentando, né? Aí, dá serviço pras pessoas. Eu não sei ainda quanto vô ganhá. Já peguei 260 real. A hora que tirá que eu vô vê. Só eu faço cadarçinho pra elas. Todas rede delas. Elas são nova ainda, não aprenderam, né? A mãe delas que fazia, né? Agora tá dando o serviço. Às vez você faz uma, faz duas e não vende, se não vende não tem como compra linha, então... (Joice Clemente da Silva, 24/08/05).

Vê-se que essa prática de tecer para outras redeiras é comum na comunidade. Outro exemplo é o de Jurcileide Clemente da Silva, 30. Mora com o filho e o marido, que trabalha num curtume:

Eu trabalho de ganho. Eu tinha linha. Depois pra construí essas duas peça... cabô, né? construção de casa... meu esposo não ganha muito, aí cabô. Faço só o pano por 260 real. A varanda e o punho é a dona que faz.

Aqui quase todo mundo faz, né? Outro dia fiz uma verde de ararão, é mais difícil de fazê... sozinha, demora um mês e meio. Porque essa aqui, dia vinte e nove agora, vai fazer um mês. Semana que vem vô aprontá. Só que vem a mãe, vai ajudá eu. Semana que vem, porque eu ajudo ela, ela me ajuda, né? Vem pra cá porque tá sozinha também (23/08/05).

Jurcileide usou a expressão “trabalho de ganho”. É de quando elas tecem, não com linha própria, mas empregam sua mão-de-obra para outras redeiras, que são as donas do produto. Ela também faz peças menores para vender – como a varanda, que é vendida, inclusive, como acessório de moda:

Tem varanda também, sempre lavra assim separado pra vendê, essa cabeí ontem, é da mesma cor. Em Brasília minha irmã vendeu um monte, só esse aqui. Vendo por 50 real. Eu mesmo fiz duas preta, tá lá no aeroporto, na Sueli. Faz amarrada na mão, depois estira ele, completa aqui. Esse vô fazê da mesma cor (24/08/05).

A redeira Evanildes Maria Pereira, que tece com sua filha Enedina, também tem dificuldade para vender. Não tem relações com pessoas de fora da comunidade, que possam facilitar-lhe contato com possíveis compradores:

Ah! ninguém encomenda! Você fica com uma rede aqui cria mofo. Fica fedendo, não vende, eu levo na Casa do Artesão. Aí no Brancona vem, mas é porque a filha dele já conhece muita gente, né? que sempre sai. Quem não tem, tem que levá no Artesão. Eu nunca gostei de leva na Casa da Cultura de Várzea Grande, eu nunca gostei, é mais pouco movimento, até suja, né? (31/08/05).

No momento, Dona Evanildes, para contornar as dificuldades, está tecendo de ganho:

[...] só pra entregá pra uma dona. Ela deu a linha, tudo. Só pagô o trabalho. É conhecida só por telefone, ela é tecedera, mora em Várzea Grande. Nós já tecemo agora pra ela bem umas quatro. Ela sempre pega encomenda, né? Com essa aqui é quatro rede. Eu ainda não vi a cara dela, é só por telefone, né? Aí, ela liga. Nós faz só o pano. A lavrada ela pagô 280 real. Aí, tira daí, já leva pra ela. Ela que vai fazê o acabamento. Ela também tem vez que também deixa no Artesão. Também ela vende muito (31/08/05). A filha Enedina justifica o fato de estarem tecendo para outra pessoa, já que também poderiam tecer e vender diretamente ao comprador e, nesse caso, ter um rendimento maior:

Porque se nós dependesse só do que faz pra vendê, é difícil. Eu falo assim... se nós não tecê por encomenda. Eu falo assim... nós compra uma linha e nós fazê pra vendê, se nós dependesse só disso, era mais difícil. Porque é difícil pra vendê. Lá, no Artesão, tem rede que dura um ano lá pra vende. Depende mais de sorte, né? Porque é demais de rede, porque o serviço aqui é só rede, né? E, só tem essa casa (31/08/05).

Apesar das dificuldades de venda enfrentadas pelas tecelãs, dona Evanildes, que está com 57 anos e tece desde os 12, acha que hoje é melhor. Vender rede já foi uma aventura. Simpaticamente, dá mais detalhes:

Melhorô, porque de primero, sabe como nós ia caçá pra quem vende rede? Ponha a sacolinha na cabeça e nós ia na Várzea Grande, andando, porque não tinha condução. Com a rede pronta na cabeça, andava. Preço nada, preço barrela, mesmo lavrado! Eu alembro, eu fui vendê esse rede. Fomo andando vendê a rede. Uma tia meu foi também junto comigo. Aí, chego lá, vendemo a rede, pra mulher, e fômo pra frente. E tinha uma lotação, uma combis, que fazia, falava lotação, que levava pa Cuiabá, né? E tinha fera na Avenida Ponce, né? E, meu pai trabalhô um tempo nessa fera. Aí difícil o carro, tudinho, né? Nós fomo bem cedo pra nós í de tarde no carro da fera. Tinha um carro que eles já

fretava. Aí nós tinha que ir lá na fera e de lá já embarca, aí nos fômo. Chegô lá, ela comprô um pano bonito mesmo! E nós não tinha que cabá com o dinheiro tudo. Tinha que dexá o da linha, né? Pro serviço. Aí ela compro um pano bonito! E eu não pude compra esse pano que ela comprô, porque eu queria trazê um pão de guaraná pro papai, pra agradá papai, pra mim í num baile que teve aqui no colégio, né? e... (31/08/05).

A tecelã Evanildes, em seu relato, além das questões referentes à venda das redes se referiu ao *pão de guaraná*, ou guaraná em bastão - um outro importante elemento da cultura regional. O escritor Ubaldo Monteiro, em sua obra *No Portal da Amazônia*, tece considerações a respeito dessa tradição:

O Várzea-grandense usa o café, mas seu estimulante predileto, ontem e hoje, é o guaraná ralado. Pela madrugada, e pelas duas da tarde, o vizinho ouve o “ruque-ruque” do pão do guaraná esfregando na grosa até completar as duas colherinhas de pó, que vão constituir a dose forte de um copinho do afamado elixir da longa vida (MONTEIRO, [19-], p. 101).

Relação das redeiras com a Casa do Artesão

Para muitas, a Casa do Artesão, no município de Cuiabá, é a única opção de comércio de seus produtos. Como exemplo, dona Elza, que não tem contato com eventuais compradores e não é muito conhecida, tem a Casa do Artesão como principal ponto de venda: “- Lá na Casa do Artesão, a gente deixa lá” (31/08/05).

A redeira compra a linha, tece e deixa em consignação na Casa do Artesão para ser comercializada:

Na Casa do Artesão, agora é o SESC, né? Tem gente que vende rápido, tem gente que fica até um ano lá. A gente vende por 800, 850 real, lá eles sobem 30%; fica mil e pouco. Por isso que os pessoal preferem vim comprá pra cá. Aqui faz mais em conta. Tem que fazê nota. Eles dão cheque (Luzia Lemes, 24/08/05).

Houve uma época em que, por iniciativa da Casa do artesão, se pretendeu creditar, em conta, o dinheiro da venda de redes. Para isso, foi necessário a abertura de uma conta corrente em nome da redeira. Mas, tal pretensão apenas veio a lhes causar muitos transtornos:

Mandô fazê o cartão de todo mundo que ia pagá pelo cartão, né? no banco. Que quando vendesse um trabalho, podia ir no banco que tava lá. Aí, o juro era alto demais. Sorte de quem vendia de dois em dois mês, descontava pouco, né? E quem vendia de quatro, cinco mês? Aí eu não fiz. Só mamãe que fez. Daí só que fez uns caminho de mesa, vendia mais rápido, né? pra ir descontando esse negócio no banco, mas demais. Depositava, deixava uma quantia. Ía lá recebia pela metade, que o banco não ia perdê, né? Aí, todo mundo não gostô. Uns foi cancelando, né? o cartão. Eu falei: mamãe, tem que cancelá! A mãe pagô 148 real, pra fechá. A dona dali, 180 real. Teve uma dona dali que abriu a conta, que abriram pra ela, né? Aí, ela não tinha a linha pra fazê, fazia de ganho pros outro assim... mas a conta dela aberto lá. Aí, quando ela resolveu fazê uns caminho de mesa que levô lá, foi só pra pagá o banco. Ela saiu chorando do banco, ela já tinha planejando esse dinheiro pra outra coisa, né? Quando ela resolveu fazê, que foi recebê pelo banco, recebeu mixaria, né? Eu acho que agora tá sendo melhor porque eles tão pagando com cheque, né? (Enedina Maria Pereira, 31/08/05).

As artesãs têm também reclamações quanto ao apoio que deveriam receber dos órgãos públicos de Várzea Grande. E a Casa de Arte e Cultura é o local onde muitas redeiras deixam seus produtos em consignação. Juscimeire Clemente da Silva desabafa:

Outro dia as mulher da Casa de Arte e Cultura viram um cartãozinho meu, tá escrito: Rede Cuiabana. Ah! coloca de Cuiabá, por quê? Se é de Várzea Grande? Falei: é porque Várzea Grande nunca dá oportunidade pra nada. No aeroporto mesmo, as vez tem alguma coisa assim. Nunca chamaram pra nada (25/08/05).

Ubaldo Monteiro, em *Passados Recompuestos* ensina que por muito tempo a rede várzea-grandense tinha razão de se chamar cuiabana: porque até o ano de 1948, Várzea Grande era, então, o terceiro distrito de Cuiabá, e enfatiza:

A rede é de fato várzea-grandense. Teve origem no Capão de Pequi há quase dois séculos e hoje é fabricada na cidade e em todos os povoados do município (MONTEIRO, [19-], p. 186).

A redeira Elza Justina Silva de Oliveira acompanhou todas as tentativas para reunir as tecelãs em uma associação.

Se comprasse a linha mais barato, dava pra vendê o trabalho bem mais barato também. Porque é assim: quando tem alguma verba pra saí, ah! tem que formá uma associação aqui. Que vai saí verba pra vocês comprá matéria-prima. Aí vão arrumá: é fazê um salão pra uni todas redera pra trabalhá. Aí só vem pega os nome, some, não dá em nada. Já veio do SEBRAE, já veio. Só que lá no SEBRAE ia formá a cooperativa. Já tava no dia de tirá todos os pessoal. Ia tirá a diretoria toda daqui, só de redera. Aí chegô na hora, vieram. Deram três meses de curso aqui. Deram explicação sobre a cooperativa, como funcionava o trabalho, como ia sê, tá bom. Aí, por último, era pra í lá no SEBRAE, lá, pra formá o presidente, vice, tesoureiro, essas coisa aí. Aí, depois que chegaram lá os pessoal não quiseram mais. Os daqui, porque era pra sê o presidente daqui, como ninguém quis e aí colocaram o de lá. Aí ficô o nome, como já tá tudo pronto. Só que não funciona. A cooperativa ficô lá registrada, como tem cooperativa aqui, só que não tem (31/08/05).

Essa, contudo, não foi a única tentativa de unir as tecelãs. A prefeitura de Várzea grande e a Casa do Artesão também tomaram iniciativas, segundo Elza Justina:

Aí veio os pessoal da prefeitura, também, aí, veio os pessoal da Casa do Artesão. Época que era a Maria Avalone que era gerente. Pegô os nosso nome, tirô o número dos nosso documento. Aí que ia formá uma associação das redera. Desapareceu também que não volto até hoje. Da prefeitura veio também. Fez aquela reunião, tirô nome, tirô os documento tudo. Acabô tudo de novo. Aqui, fiquemo à espera deles, porque eles vieram aqui, deram a linha prá começá o trabalho. Que eles iam dá a matéria prima, que era aquela, as linha, que era pra fazê aquilo. Aí fizemo os trabalho que eles deram. Depois não apareceram mais também. Os pessoal tão desacreditado! (31/08/05).

Dona Elza tem consciência da importância da união das tecelãs, pois isso daria força à categoria. As redeiras não ficariam na dependência, tão-somente da Casa do Artesão, como é o caso de dona Elza. Ela não tem muitas relações com pessoas de fora da comunidade e que, eventualmente, de alguma forma, pudessem ajudá-la no comércio de seus produtos, seja convidando para participar de eventos, seja apresentando possíveis compradores:

A gente é explorada, a gente é humilhada. Eles fazem da gente o que eles qué. Já teve três tentativa aqui pra tentá reuni. O SEBRAE, até que de primero, se o pessoal aqui reunisse tudo, tinha formado, e o resto veio. E eles tavam a fim de ajudá aqui. Aqui por falta de união dos pessoal daqui. Aqui é assim, não tem união dos pessoal. Aqui, cada um olha só pra si, qué vendê só o seu, não tá nem aí com o... por isso não funciona. Porque a gente tem que uni as coisa pra í pra frente, tem que se uni. Todo mundo aqui faz esse trabalho, todos nós depende desse trabalho, por que não uni? Não tem uma união, e a união faz a força! (Elza Justina Silva de Oliveira, 24/08/05).

Maria José da Costa, 56 anos, redeira desde os dez, trabalhou na Casa de Arte e Cultura do município de Várzea Grande. Hoje se divide entre o trabalho que tem na escola municipal da comunidade, no período matutino, e a tecelagem, no período vespertino. Para ela, falta espírito comunitário entre as redeiras:

Aqui nós já tentemo várias vez fazê uma cooperativa. O povo daqui não une, é cada um pra si. O povo não une porque cada um qué vendê o seu. Aqui cada um compra o seu, até na prantação de roça. O povo fica com medo de investi junto e na hora de pagá os povo tirá o corpo fora e a dívida ficá só pra um, por isso não deu certo. (25/08/05)

Enedina Maria Pereira mostra o seu desânimo:

Aqui é tudo desunido, não é unido, que aqui tudo mundo faz, né? e ninguém... Cada um vende os seus e não tá nem aí pra ninguém. Se fosse unido, né? dava pra organizá (31/08/05).

A Casa do Artesão, mencionada tanto pelas artesãs, desde dezembro de 2004, vem sendo administrada pelo Serviço Social do Comércio – SESC. Segundo informações concedidas pela gerente da casa, Alessandra Virna da Silva, o SESC, manteve o mesmo sistema de comercialização do Estado. As artesãs deixam as redes, em consignação, e o SESC, no momento da comercialização, coloca 30% sobre o preço de venda das artesãs. A citada gerente salienta que quando a casa vende a prazo, cheque ou cartão, a artesã recebe a vista, o risco fica por conta da casa.

Outro critério para a comercialização das redes na referida Casa, pelo SESC, foi que todas as artesãs estivessem associadas em uma associação de artesãos. Assim, com a carteira de artesã, elas vão à Secretaria de Fazenda e tiram uma nota fiscal avulsa. A casa recebe a rede, da entrada com nota normal, com código de barra, e o nome da artesã para valorizar a rede. A comercialização e embalagem ficam por conta do SESC.

Ainda segundo a responsável pela Casa do Artesão, as vendas são boas, e se as redes fossem mais baratas venderia muito mais, pois são vendidas para pessoas de todo o país e do exterior. Porém, ressalta a dificuldade e importância da organização das tecelãs em uma associação ou cooperativa, para adquirir a linha mais barata. Lembrou também a tentativa sem sucesso do SEBRAE nesse sentido. Segundo Alessandra “o que pega para elas é a desunião”

Já na Secretaria de Promoção Social – Casa de Arte e Ateliê (Casa de Arte e Cultura) do município de Várzea Grande, segundo a gerente, Benedita Lúcia Arruda Mallét, o objetivo da Casa é divulgação e a comercialização. Assim, as redes são também deixadas em consignação. A tecelã, quando deixa o trabalho, é cadastrada, põe o preço na rede e a casa acrescenta 30% sobre o valor da tecelã. Após a venda o dinheiro é repassado para a tecelã.

A gerente da Casa de Arte e Cultura ressaltou que, devido ao alto preço, no ano de 2005 as redes que foram vendidas mais em função de ajudar o artesão e que muitas vezes venderam sem receber porcentagem alguma, pelo preço pedido pela artesã; outras vezes receberam 10%; em outras, nada. Essa dificuldade nas vendas seria em função do preço da rede, como na Casa de Arte e Cultura o fluxo de turistas é menor, fica difícil a venda. A gerente também sente a necessidade da organização das redeiras, “lá é o problema cultural, que não aceitam essa intermediação” (02/03/06).

A fala das tecelãs deixa evidente que nem todas são contrárias à formação de uma Cooperativa ou Associação, o que necessite talvez é por parte dos órgãos públicos, como SEBRAE e a Prefeitura Municipal de Várzea Grande, que já se dispuseram a colaborar com as artesãs procurando agrupá-las em uma cooperativa ou associação, é usar de estratégias adequadas à aplicação naquela comunidade, levando-se em conta o processo histórico e cultural do grupo, bem como a dinâmica em curso dentro da categoria das tecelãs. Dessa forma não pode ser um trabalho pontual, mas um trabalho processual, com a criação de vínculos.

Considerações finais

O povoado de Limpo Grande preserva práticas culturais que são importantes para a identidade do município de Várzea Grande, com destaque para a beleza da tecelagem. Por outro lado, durante os estudos foram constatadas dificuldades de organização social da comunidade, produtores rurais e também das tecelãs.

Muitas mulheres, desmotivadas com a atividade da tecelagem, estão buscando no emprego assalariado uma saída. Dessa forma, o número de tecelãs tem diminuído, e se não houver algum tipo de intervenção, auxílio, a tendência é a redução dessa atividade importante para a identidade cultural do município de Várzea Grande e também do estado de Mato Grosso.

Assim, é importante pôr em prática um conjunto de ações compartilhadas entre os moradores da comunidade com o Estado e/ou outros interessados em colaborar como universidades, e ONGs. Porém, é necessário usar estratégias que levem em conta as especificidades históricas e culturais do local, não podem ser intervenções pontuais, porém, intervenções que levem em conta os mecanismos internos da comunidade.

Esta intervenção é importante devido à necessidade de se baratear o custo da rede para a tecelã, que compra a linha no varejo. O processo de produção artesanal é demorado e, quando pronta, a venda é difícil, por se tratar de um produto de alto custo. Assim, é importante a intervenção para auxiliá-las a se organizar em associação ou cooperativa, para que possam comprar a linha mais barata e favorecer as tecelãs que não dispõem de recursos para comprar sua linha, e se sujeitam a vender sua mão-de-obra a baixo custo. Isso as leva a trabalhar muitas horas contínuas, por dia, para outras tecelãs que podem comprar grande quantidade de linha, criando assim, uma relação de apropriação do trabalho, bem como empecilhos para a organização dessas tecelãs.

O alto custo da produção artesanal dos produtos, a falta de organização das tecelãs e a busca de segurança no trabalho assalariado são as principais ameaças à atividade da tecelagem. Sendo assim, é importante a união de esforços para que essa importante atividade econômica e cultural não desapareça.

Referências

- FLORENCE, Hercules. **Esboço da viagem feita pelo Sr. De Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829.** Revista trimestral do Instituto histórico, geográfico e ethnographico do Brasil. Rio de Janeiro: R. L. Garnier, 1875.
- FREIRE, Benedito Sant'Ana Silva. **Águas de visitação.** 2. ed. Cuiabá: Edições do Meio, 1980.
- LIMA, Josephina Paes de Barros. **Manifestações do artesanato matogrossense.** Cuiabá: 1975.
- MATO GROSSO. **Álbum Graphico do Estado de Matto Grosso.** Corumbá: 1914.
- MATO GROSSO. **Inventário de cultura popular mato-grossense.** Fundação de Promoção Social-Prosol. Cuiabá: 1978.
- MONTEIRO, Ubaldo. **Várzea Grande passado e presente confrontos.** Cuiabá: Policromos, [19-]
- _____, Ubaldo. **No portal da amazônia. O Iº século do município industrial de Várzea Grande.** Cuiabá: [19-].
- PAULILO, Maria Ângela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida.** Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c-v2n1.htm>. Acesso em: 03 nov. 2005.